

Sobre a casa-pátio: elementos de enquadramento

Infohabitar, Ano VI, n.º 283

Sobre a casa-pátio: elementos de enquadramento

António Baptista Coelho

O homem moderno terá, “apenas”, entre 100.000 e 50.000 anos, o pensamento artístico terá sido desenvolvido há cerca de 25.000 anos, antecipando a invenção, primeiro, dos pequenos espaços urbanos constituídos por orgânicos aglomerados de casas, sem ruas (a circulação seria feita pelas coberturas e utilizando escadas, recolhidas em caso de perigo), depois do sistema de casas ligado e separado por ruas e outros espaços de invenção do sentido cívico, sentido este que terá levado, finalmente, à racionalização dos traçados, à criação de espaços públicos específicos, funcionais e representativos, muito provavelmente com pátios públicos e conseqüentemente à criação dos espaços domésticos mais privatizados e frequentemente também estruturados por pátios.

E em tudo isto a casa-pátio tem um papel protagonista, provavelmente marcando a passagem da consideração do habitar super-individualizado para o habitar agregado que conformou povoações e cidades.



Fig. 01

Aquela que se pode considerar a aldeia mais antiga até agora identificada é Ohalo, habitada há cerca de 20.000 anos e situada no leito seco do Mar da Galileia.

E as primeiras povoações com um carácter mais citadino surgem há cerca de 10.000 a 9.000 anos, em simultaneidade com a agricultura e a pastorícia mais sistematizadas; sendo as primeiras que se conhecem Jericó, com cerca de 5ha, habitada por mais de 2.000 pessoas, e Çatal Höyük, perto de Konya, na actual Turquia, esta um pouco mais tardia mas que parece ter atingido uma muito significativa dimensão urbana, reflectida tanto em área ocupada como em número de habitantes - cerca de 15ha para 8.000 habitantes -, numa solução urbana que funcionou sem interrupções durante pelo menos 800 anos e que devia ser construída e ampliada em conjunto, e não admitia acréscimos individuais.

Temos, portanto, cerca de 10.000 anos de urbanidade, e nestes cerca de 60%, portanto 6.000 anos foram marcados pela casa-pátio ou “casa urbana oriental”, como lhe chama Schoenauer (1), que lhe sublinha o seu carácter introvertido com um ou mais pátios privados e o seu uso em quatro antigas civilizações e nas cidades da Grécia Clássica e de Roma e salienta-se que “esta casa é ainda, hoje em dia, a forma tradicional de habitar em muitas cidades da Ásia, África e América do Sul, sendo, tal como sublinha Schoenauer, “uma forma de habitar que perdurou durante mais de 200 gerações”.

Na mesma obra Schoenauer indica que “a mais importante das suas características é o pátio ajardinado, espaço privado central e aberto. o pátio é o coração da casa urbana oriental e não existe em nenhuma outra língua uma expressão mais poética do que a chinesa para definir o pátio, «oferenda do céu», fonte que proporciona luz, ar e água da chuva à habitação ... outra característica da casa-pátio é que esta introversão proporciona privacidade visual e acústica não só relativamente à rua, mas também relativamente aos vizinhos.” (p. 237)

Complementarmente, Schoenauer salienta, ainda no mesmo livro, a flexibilidade do interior destas casas orientais como outra sua importante característica, com a maioria dos seus compartimentos caracterizados como

espaços multiusos (p. 240); e escreve ainda que "além de tudo isto há uma natural civilidade ou urbanidade na casa-pátio na qual se fugia da ostentação de uma altura elevada também por recomendações religiosas, com idênticos reflexos na modéstia das fachadas - uma lição de urbanismo, que, ao nível do bairro se associou ao desenvolvimento de comunidades que não têm níveis homogêneos de rendimento", gerando-se e consolidando-se, assim, uma importante regra de integração social e económica (p. 240).

Continuando com Schoenauer (2) este salienta que "o conceito de casa-pátio foi redescoberto por alguns arquitectos modernos", constituindo um "exemplo a seguir tanto no uso do solo como na conservação da energia e na definição hierárquica das ruas, pois proporciona identificação mais íntima com a comunidade residente, e é um modelo urbano compacto que não desperdiça espaço resultando em distâncias pedonais razoáveis e numa densidade adequada a um eficaz sistema de transportes". (p. 241)

E Schoenauer sublinha ainda, no final da sua extraordinária obra, que "as civilizações orientais, milhares de anos mais antigas do que as ocidentais, evoluíram, através de um longo processo de ensaio e erro, até algumas soluções de desenho habitacional urbano que deram resultados positivos ao longo de muito tempo. Soluções que podem ser adoptadas no cenário urbano ocidental, com a garantia de terem sido viáveis durante pelo menos 6000 anos" (p. 369); e a isto podemos acrescentar ter-se hoje a noção clara de que muitos dos modelos de edifícios culturalmente incoerentes ainda mais o são relativamente aos actuais e essenciais critérios de eficácia energética e de poupança de recursos.

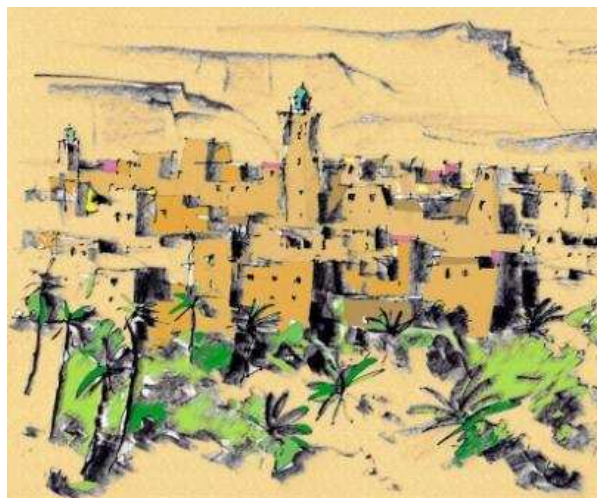


Fig. 02

Salienta-se que as influências orientais da casas-pátio ditaram a forma da clássica casa grega e romana e, na Idade Média, o conceito continuou a usar-se em mosteiros e conventos.

A casa-pátio, nas suas mais diversas versões e configurações, foi e é ainda um elemento importante da boa relação entre privacidade habitacional e cidade pública.

E, a propósito, lembro o ambiente de uma domus citada por Ariès e Duby (3), ... “a residência é antes de mais um largo espaço vazio que se adivinha assim que se penetra no coração do edifício, e por vezes apenas no seu limiar, uma fileira não de salas fechadas mas de espaços: pátio coberto, claustro, jardim com os seus jogos de água; são mais os vazios do que os cheios ... À volta deste vazio estão claramente dispostos pequenos quartos cuja pequenez surpreende; cada um se retira para a sua cela para ler ou dormir, mas vive-se nos vazios centrais, sobre os quais se abrem, a todo o seu comprimento, salas de jantar, como caixas a que faltaria um dos seus quatro lados ... Seja na residência rica ou não, uma decoração de cores vivas recobre o chão, as paredes os tectos de mosaicos, de estuques, de pinturas decorativas ou mitológicas ... aqui reina a imaginação não a pompa. O espaço inútil era outro luxo e a arquitectura tinha sabido combinar a amplidão do conjunto com a possibilidade de retiro nos pequenos quartos ... o espaço central permite o afastamento ... Um modesto burguês em Paestum numa casa de cerca de 100 m² com cozinha e três pequenos quartos recortados na margem por um largo pátio”.

Para quem viva, intensamente, as matérias do habitar esta descrição tem extraordinário interesse e faz pensar que a casa-pátio tem uma dupla virtude: a de se agregar com alguma facilidade e interesse volumétrico para fazer cidade contínua, protectora e estimulante em termos de imagens e sequências urbanas, de certa forma como que numa relativa qualificação mais “doméstica” ou intimista do espaço público; e a virtude de dar a partes específicas e estratégicas do próprio espaço doméstico valência agradavelmente mutantes ou diversificadas, como que num mitigado e bem controlado prolongamento do espaço público. E esta dupla virtude é muito útil e no (re)desenvolvimento de velhas e novas tipologias do habitar a cidade e a casa.

E lembra-se que a capacidade de compactação urbana e de agregação das

habitações desenvolvidas em torno de pátios parece ser uma arma, bem actual e interessante no aprofundamento de uma estratégica densificação urbana, tratando-se de um caminho que não sacrifica as fundamentais privacidades domésticas, e sendo também um caminho claramente associável ao desenvolvimento de tipologias habitacionais intermediárias, entre o unifamiliar e o multifamiliar, numa estimulante transfiguração da ideia da casa-pátio, para soluções de casas-pátio e casa-terraço mutuamente sobrepostas e diversificadamente imbricadas.



Fig. 03

Desenvolve-se, um pouco mais, esta referência ao chamado “habitat intermediário”, com algumas palavras de Monique Eleb e Anne Marie Chatelet: “há três grandes categorias habitacionais: o habitat colectivo, o habitat individual e o habitat intermediário, que tal como o nome indica se liga aos dois precedentes (imóvel colectivo mas com acessos individualizados e superfícies exteriores significativas tais como terraços)” (4). E as autoras, numa referência a F. Lamarre, especificam que “os terraços sobrepostos, entradas e caixas de escada desmultiplicadas conferem ao habitat uma escala intermediária, a meio caminho entre o individual e o colectivo.”

E uma prova teórico-prática desta capacidade urbana agregadora da tipologia-base “casa-pátio” foi dada, já há muitas dezenas de anos, num excelente livro de Serge Chermayeff e Christopher Alexander (5), intitulado “Community and privacy, toward a new architecture of humanism”, no qual os autores demonstram a enorme diversidade de densidades - algumas bem elevadas -, que são possíveis apenas com recurso a edifícios unifamiliares de diversos tipos e em diferentes configurações e agrupamentos, articulados por pátios

privativos e comuns. E é preciso sublinhar que se trata de uma obra fundamental para todos aqueles que se dedicam ao estudo da fundamental relação entre continuidade urbana e privacidade doméstica.

E, porque se julga oportuno, fazem-se, em seguida, duas citações desse livro, que se consideram estruturantes destas temáticas: (6)

“Acima de todos os outros um elemento precioso da vida de outrora está em risco de extinção: a intimidade, essa maravilhosa combinação de afastamento, confiança em si próprio, solidão, calma, contemplação e concentração” (p. 23) ... Uma forma urbana que tomasse em conta correctamente todas as condicionantes e tensões da nossa época seria capaz de manter uma vida equilibrada, que eliminaria grande parte do desejo de evasão” (p. 35).

No que toca ao interior do habitar (edifício e fogo), provavelmente a grande aposta está no (re)inventar de novas tipologias, adequadas às novas famílias e designadamente às cada vez mais numerosas pessoas sós e aos idosos sós; e a casa-pátio num único piso e na qual o pátio configura um verdadeiro compartimento é provavelmente uma das mais adequadas tipologias para idosos; e lembremos aqui bem a propósito as soluções de Jörn Utzon: as suas casas organizadas em redor de pátios, em Fredenborg (1959-62), cujas raízes o projectista encontrou nas suas viagens mas também na própria Dinamarca e que misturam referências das quintas tradicionais dinamarquesas e chinesas e da arquitectura islâmica ... uma espécie de programa-quadro para o habitar individual, e refere Isabel Salema que é uma arquitectura que “vai ao encontro das necessidades modernas maravilhosamente, e contudo Fredensborg quase podia ter sido construído há mil anos.” (7)

Para rematar este texto é preciso sublinhar que nunca será excessivo referir o urgente reforço da perspectiva histórica nos estudos do habitar. O que não faz qualquer sentido é actuar como se nada para trás existisse em termos de experiência acumulada e debatida, e como se um dado edifício de habitação pouco mais fosse do que um conjunto de elementos de construção e de dispositivos mais ou menos elaborados.

E, afinal, a casa-pátio é uma tipologia que, tal como refere Anton Capitel (8), se identifica com a própria arquitectura ao longo de largos períodos da história do habitar.

Notas:

- (1) Norbert Schoenauer, “6.000 años de hábitat - de los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente”, 1884 (1981).
- (2) Norbert Schoenauer, “6.000 años de hábitat - de los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente”, 1884 (1981).
- (3) Ariès e Duby, "História da Vida Privada I", 1991, p.303-304.
- (4) Monique Eleb, Anne Marie Chatelet, "Urbanité, sociabilité et intimité des logements d’aujourd’hui", 1997, p.18.
- (5) Serge Chermayeff e Christopher Alexander, “Intimité et Vie Communautaire - vers un nouvel humanisme architectural“, 1972 (1963), p. 191-197.
- (6) Serge Chermayeff e Christopher Alexander, “ Intimité et Vie Communautaire - vers un nouvel humanisme architectural “, 1972 (1963).
- (7) Isabel Salema, “Jorn Utzon para além da Ópera de Sidney”, Público, 19 Abril 2003.
- (8) Anton Capitel, “La arquitectura del pátio”, 2005.

Infohabitar, Ano VI, n.º 283

Infohabitar a Revista do Grupo Habitar

Editor: António Baptista Coelho

Edição de José Baptista Coelho

Lisboa, Encarnação - Olivais Norte, 31 de Janeiro de 2010

Etiquetas: [antónio baptista coelho](#), [casa-pátio](#), [habitação em pátio](#), [história da casa pátio](#), [história da habitação](#), [história do habitar](#)